



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

TIA NASTÁCIA: ATÉ QUE PONTO UM INSTRUMENTO DE DIVULGAÇÃO DE ESTEREÓTIPO DE IDOSA NEGRA

Sônia Maria Pereira Ribeiro
Mestranda em Gerontologia - PUC-SP
sonia.ribeiro2003@ig.com.br

RESUMO

Este trabalho discute até que ponto a personagem literária Tia Nastácia - idealizada no início do século passado pelo escritor de literatura infantil, José Bento Monteiro Lobato - tem contribuído para com a divulgação de um estereótipo de idosa negra. Para desenvolver a reflexão, este trabalho foi dividido em quatro partes. Na primeira, contextualiza a época em que a personagem foi idealizada e tornada pública, posto se acreditar que fatores econômicos, sociais, políticos e culturais concorreram na formatação do perfil psicológico da negra Nastácia. Na segunda, interroga até que ponto a postura lobatiana de valorização da denominada cultura erudita - representada pela idosa branca, a Dona Benta - e a desvalorização e ridicularização dos saberes que remontam a uma tradição milenar - incorporados pela idosa negra, a Tia Nastácia - podem ainda hoje fomentar racismo e preconceito para com a idosa negra, uma vez que o olhar de Lobato em relação a essa idosa sinalizava inferioridade intelectual dela. Na terceira parte, focaliza as relações intergeracionais no Sítio do Pica-Pau Amarelo, a saber: de um lado, respeito e admiração das crianças Emília, Pedrinho e Narizinho para com a idosa branca; de outro, ausência dos mesmos sentimentos em relação à idosa negra. Na quarta parte, discute em que medida a gerontologia poderá contribuir para com a desconstrução das representações estereotipadas das negras com idade igual ou superior a sessenta anos. É, pois, trabalho exploratório e não conclusivo, em que se utilizou o método dialético pelo fato de ele “penetrar o mundo dos fenômenos e da mudança dialética que ocorre na natureza e na sociedade” (LAKATOS & MARCONI, 1994, p.81). E para a apresentação das considerações finais, recorreu-se à argumentação indutiva, uma vez que o objetivo dos argumentos foi “levar a conclusões cujo conteúdo é muito mais amplo do que o das premissas nas quais se basearam” (LAKATOS & MARCONI, 1994, p.47).

Palavras-Chaves



idosas negras - racismo - preconceito - relações raciais - gerontologia

Mesmo após a promulgação da Lei nº 3.270 - Lei Saraiva-Cotegipe, também conhecida como Lei dos Sexagenários - a liberdade do idoso negro estava condicionada a alguns fatores, a saber: trabalhar mais três anos para os ex-proprietários ou até atingir a idade de 65 anos, ou optar por remir os serviços prestados mediante pagamento ao ex-senhor do valor financeiro atribuído ao respectivo idoso. Tudo isso estava determinado na referida lei, precisamente, nos parágrafos 10 e 12, do artigo 3º, intitulado Das Alforrias e dos Libertos, conforme se pode constatar:

Par.10 “São libertos os escravos de 60 anos de idade, completos antes e depois da data em que entrar em execução esta Lei; ficando, porém, obrigados, a título de indenização pela sua alforria, a prestar serviços a seus ex-senhores pelo espaço de três anos”.

Par.12 “É permitida a remissão dos mesmos serviços, mediante o valor não excedente à metade do valor arbitrado para os escravos da classe de 55 a 60 anos de idade”.

Contudo, relembando que inúmeros questões - maus tratos, saúde debilitada, assassinato e mesmo suicídio - impediam que parcela significativa dos escravizados atingisse a casa dos sessenta anos de idade, não há como negar que a lei supracitada não libertou quase ninguém; porém, não restam dúvidas de que ela beneficiou a elite econômica da época, conforme demonstra a historiadora Joseli Maria N. Mendonça:

“Marilene Rosa N. Silva, comentando o principio da libertação dos sexagenários na lei de 1885, concluiu que tal medida representou um bom negócio para os proprietários que se livraram legalmente de escravos improdutivos e ainda receberam pagamentos superiores ao valor real desses escravos no mercado. Fora, enfim, aponta a autora, uma lei de proprietários de escravos para proprietários de escravos” (1999, p. 199)

Diante disso, é notório que a lei promulgada por D. Pedro II, em 28 de setembro de 1885, concedeu “liberdade” a indivíduos debilitados, cansados e envelhecidos, sem lhes assegurar, contudo, nenhum amparo social, conforme denuncia Clóvis Moura: “A Lei dos Sexagenários, por exemplo, serviu para descartar a população escrava não produtiva, que apenas existia como sucata e dava despesas aos senhores” (1983, p.57).

Percebe-se, assim, que se de um lado a citada lei não teve a intenção - por isso mesmo não teve a propriedade - de dar dignidade ao idoso negro liberto, de outro, ajudou consideravelmente a empurrar esse idoso para as margens da sociedade. É que



ao atingirem a velhice - o que quase sempre vinha acompanhada da perda da saúde e da força física para o trabalho - esses idosos deixavam de interessar aos seus ex-proprietários e, por extensão, à sociedade. Em outras palavras, a Saraiva-Cotegipe acabou promovendo uma espécie de enterro simbólico daqueles que haviam passado a vida escravizados, vivendo em condições sub-humanas, trabalhando diariamente à exaustão, sofrendo inúmeros castigos físicos e sendo submetidos a inenarráveis suplícios morais.

Obviamente, mesmo antes da promulgação da Lei dos Sexagenários os negros e as negras com idade igual ou superior a sessenta anos já eram vítimas do racismo e do preconceito racial e social. Porém, a partir da promulgação da mencionada lei, os sexagenários passaram a ser vítimas também do preconceito etário.

As práticas discriminatórias para com o segmento idoso negro fertilizaram o terreno para o florescimento de representações estereotipadas em relação ao mesmo, sendo que duas dessas representações foram retratadas em personagens da literatura nacional - precisamente, Tia Nastácia e Tio Barnabé - criações literárias do escritor de literatura infantil José Bento Monteiro Lobato, as quais se tornaram conhecidas do público leitor a partir de 1920.

TIA NASTÁCIA: A “PRETA VELHA DE ESTIMAÇÃO”

As características que Monteiro Lobato cunhou na negra Nastácia merecem particular consideração e uma criteriosa análise.

Nastácia guardava certa semelhança com a representação de idosa negra mostrada pelo cinema americano do início do século passado - a mammy - cuja personagem negra de *Gone With the Wind* (“E o Vento Levou”) - é talvez a mais conhecida. Essa personagem era uma idosa negra obesa, amigável e subserviente à patroa branca. Porém, a idosa negra de Lobato parece ser genuinamente brasileira, conforme se poderá verificar mais adiante.

Sempre retratada usando lenço na cabeça e avental, Nastácia era exímia cozinheira e profícua contadora de estórias para as crianças do Sítio do Pica-Pau Amarelo - as personagens Pedrinho, Narizinho e a boneca de pano Emília. E, a exemplo da mammy, de *E o Vento Levou*, a negra residente no Sítio do Pica-Pau Amarelo



também era totalmente subserviente à família com quem vivia, a ponto de aceitar sem nenhum questionamento o rótulo de “preta velha de estimação”.¹

À negra Nastácia ficava reservado, principalmente, o espaço da cozinha da casa de Dona Benta. Porém, em suas idas e vindas pelos demais cômodos da residência, não perdia oportunidade para contar suas histórias que sempre se referiam ao passado escravista de sua gente, além dos chamados causos de assombração. Entretanto, suas narrativas não eram bem recebidas pelas crianças do Sítio do Pica-Pau Amarelo, conforme demonstra essa fala da personagem Emília:

(...) pois cá comigo - disse Emília - só aturo estas histórias como estudos da ignorância e burrice do povo. Prazer não sinto nenhum. Não são engraçadas, não têm humorismo. Parecem-me grosseiras e até bárbaras - coisas de negra beicuda como Tia Nastácia. Não gosto, não gosto, não gosto (...).
(MONTEIRO LOBATO, 1957, p.30)

Na transcrição, a boneca Emília não só desqualifica as histórias da idosa negra como demonstra preconceito para com ela, tachando-a de ignorante, inculta, supersticiosa e insossa.

Porém, a despeito das alegações de alguns estudiosos brasileiros da literatura de Lobato de que o modo de ser, agir e pensar das personagens Tia Nastácia e Tio Barnabé coincidem com o modo de ser, agir e pensar do idoso negro do período pós-abolição, outros estudiosos asseguram que as duas figuras literárias são estereótipos de idosos negros, criadas a partir do olhar racista e preconceituoso do autor taubateano. O referido argumento se sustenta, por exemplo, quando se observa que, no livro *As Caçadas de Pedrinho*, a personagem Nastácia é comparada a uma “macaca de carvão”.

A constatação acima mencionada não é recente. Em palestra proferida em 1999 na Academia Taubateana de Letras - da qual nos sentimos honrada em ocupar a cadeira número três - tivemos a oportunidade de mencionar as características racistas e preconceituosas gravadas por Monteiro Lobato na personagem Tia Nastácia. Atualmente, nossa voz encontra eco em estudiosos de diferentes áreas do conhecimento, os quais também perceberam o traço racista às vezes explícito e às vezes subliminar presente na obra do escritor paulista, evidenciando-se assim que Lobato optou por

¹ Em entrevista concedida ao jornalista Silveira Peixoto - Revista Magazine, 1943 - Monteiro Lobato informou que a personagem Tia Nastácia foi inspirada em uma “preta de estimação” chamada Anastácia, que vivia com a sua família. Nota da autora.



retratar os negros - idosos ou não - a partir da perspectiva eugenista e não à luz da corrente ontológica.

Mas, ao longo do tempo, as imagens pejorativas de idosos negros que as personagens literárias Tio Barnabé e Tia Nastácia ajudaram a propagar foram adquirindo profundidade e extensão no inconsciente coletivo, a ponto de sedimentarem um conceito marcadamente etnocêntrico também em relação aos idosos negros. E, mais recentemente, outras representações serviriam para reforçar a já existente caricatura desse segmento como, por exemplo, a representação incorporada pelo ator Tião Macalé em programa humorístico na televisão. No entanto, cumpre ressaltar que, para alguns estudiosos, os arquétipos de idosos negros veiculados nos programas de televisão têm a função de despertar a consciência dos negros, por meio da ironia e da comédia. E ainda existe uma terceira opinião a respeito dessas representações caricatas, em que se pergunta:

“deve o intérprete negro utilizar sem pudor os recursos inerentes ao seu tipo étnico (“olho de jabuticaba”, “boca de flor” etc) na interpretação cômica? Ou, pelo contrário, coibir-se de fazê-lo para evitar a perenização de caricaturas?” (RODRIGUES, 1988, p. 67-68).

O fato é que a maneira como os idosos negros foram retratados na obra de Lobato ajudou a sedimentar referências negativas com relação aos afrodescendentes com idade igual ou superior a sessenta anos. É que enquanto idoso negro era retratado como sinônimo de “pai-joão”, idosa negra, por sua vez, era sinônimo de “mãe-joana”, sendo que no inconsciente coletivo ambos faziam alusão a pessoas subservientes e limitadas intelectualmente.

DONA BENTA x TIA NASTÁCIA

O racismo de Lobato para com os negros também é percebido na maneira como as crianças do Sítio do Pica-Pau Amarelo recebiam as falas das suas idosas - nomeadamente, Tia Nastácia e Dona Benta.

As histórias contadas por Dona Benta diziam respeito à cultura dos povos considerados “civilizados” e “eruditos”, ou seja, dos brancos colonizadores. Essas histórias, por sua vez, causavam entusiasmo e euforia intelectual nas crianças do Sítio do Pica-Pau Amarelo, que se viam como descendentes de um povo seguramente vencedor. Por outro lado, as narrativas de Tia Nastácia eram consideradas pelas mesmas



crianças - Pedrinho, Emilia e Narizinho - enfadonhas, mentirosas e tolas. A própria tradição oral de contação de estórias - característica marcante da transmissão do conhecimento em África, e uma das marcas de griots e akapalôs africanos - foi duramente criticada por Lobato, na voz da boneca Emília:

(...) “esta história ainda está mais boba que a outra. Tudo sem pé nem cabeça. Sabe o que parece? Parece uma história que era de um jeito e foi se alterando de um contador para outro, cada vez mais atrapalhada, isto é, foi perdendo pelo caminho o pé e a cabeça (...)” (MONTEIRO LOBATO, 1957, p. 30).

Tanto a desqualificação das falas de Tia Nastácia - efetivada quando a boneca Emília dizia serem fúteis as estórias contadas pela negra, o que por extensão, acabava atribuindo inferioridade intelectual ao povo negro - quanto a valorização do conhecimento, da sabedoria e da austeridade de Dona Benta, evidenciavam que na visão de Lobato o conhecimento formal e a inteligência eram prerrogativas das idosas brancas. Essa constatação é avalizada pela escritora Marisa Lajolo, estudiosa de literatura infanto-juvenil e professora-doutora da Universidade de Campinas, quando essa esclarece: “(...) a trama urdida por Lobato em algumas de suas obras aborda mais a inteligência dos brancos que acabam vencendo². Em última análise, ao supervalorizar o repertório cultural de Dona Benta e ao ridicularizar os saberes de Tia Nastácia, Monteiro Lobato assinalava o seu desrespeito para com o multiculturalismo presente desde sempre na sociedade brasileira.

A própria escolha do nome Nastácia é mais uma demonstração emblemática do racismo e do preconceito de Lobato para com o negro. O nome Anastácia significa cheia de graça ou renascida pelo batismo, isto é, um ser diferenciado, iluminado, superior. Por isso mesmo, a redução Nastácia parece ser uma corruptela carregada de carga ideológica pejorativa, ou seja, uma ironia, um sarcasmo, uma zombaria, exprimindo uma idéia de inferioridade. Em contrapartida, o nome próprio Benta significa abençoada, e nada mais.

Contudo, apesar do marcado teor racista da obra lobatiana, as relações humanas estabelecidas no Sítio do Pica-Pau Amarelo não desencadearam embates raciais ou mesmo etários. Pelo contrário, essa aparente feliz convivência ajudou consideravelmente a promover uma das mais antigas e eficientes propagandas

² Capturado do site: www.ichs.ufop.br/semanadeletras/viii/arquivos/trab/e23.doc, acessado em 01.11.2010.



ideológicas brasileiras: o mito da democracia racial. É que, à luz desse antigo mito, considerar alguém uma “preta velha de estimação” não significava sentimento de pouco-caso para com essa negra; significava, simplesmente, acolher a idosa em determinada família, desde que essa idosa não ousasse ultrapassar os limites da cozinha, e desde que não alimentasse a esperança de ver suas narrativas serem consideradas interessantes ou relevantes - nem mesmo por uma boneca de pano. Esse antigo racismo subliminar presente ainda hoje na sociedade brasileira é explicado por Kabengele Munanga:

“estamos num país onde certas coisas graves e importantes se praticam sem discurso, em silêncio, para não chamar a atenção e não desencadear um processo de conscientização, ao contrário do que aconteceu nos países de racismo aberto. O silêncio, o implícito, a sutileza, o velado, o paternalismo, são alguns aspectos dessa ideologia. O racismo brasileiro na sua estratégia age sem demonstrar a sua rigidez, não aparece à luz: é ambíguo, meloso, pegajoso, mas altamente eficiente em seus objetivos” (1996, p. 214-215).

NOVOS TEMPOS, VELHAS QUESTÕES

Transcorrido quase um século do nascimento das personagens literárias Tia Nastácia e Tio Barnabé, algumas questões referentes aos idosos negros ainda continuam sem resposta. Por exemplo, o que se sabe a respeito dos negros e das negras com idade igual ou superior a sessenta anos tanto do período escravista quanto do período pós-abolição e, finalmente, da atualidade? Quais os papéis sociais desempenhados por essa gente em diferentes épocas? Atualmente, qual o olhar dos mesmos em relação à própria condição de idoso(a) e de negro(a)? Quais são, no momento, suas necessidades objetivas e suas aspirações sociais? Até que ponto os próprios idosos negros, a sociedade civil, os poderes públicos e os movimentos sociais se interessam pelas particularidades e especificidades da velhice negra? Enfim, quem são e como vivem os atuais idosos negros brasileiros?

São questões complexas, cujas respostas exigem considerações tanto preliminares quanto complementares. Por exemplo, como falar de velhice negra desconsiderando o conjunto de fatores que distingue o processo de envelhecimento masculino do feminino também em relação ao público negro? E como avançar na discussão, omitindo a postura da sociedade, dos poderes públicos, das entidades sociais



e dos próprios negros em relação à velhice e, especificamente, em relação à velhice negra? Por fim, como ignorar que muitos aspectos também dessa velhice - masculina e feminina - estão de certa forma condicionados e às vezes até diretamente ligados a fatores, tais como: condições financeiras, grau de escolaridade, questões geográficas, acesso aos bens de consumo e aos serviços essenciais; e principalmente, à própria historiografia negra?

Salvo melhor juízo, essas e outras perguntas continuam sem resposta muito em função do racismo e do preconceito em dose dupla que incide sobre o negro, particularmente, sobre o idoso negro. É que tanto o racismo quanto o preconceito seguem estorvando a abertura de discussões pontuais, e também chancelando sub-informações, pseudo-informações e publicações opressivas em relação àqueles. Exemplo primário dessa afirmação são as atuais resistências em se admitir o racismo de Lobato para com o negro. Tais resistências, não só tentam justificar o injustificável como acabam servindo de álibi para as inúmeras práticas discriminatórias para com o público em questão.

Dáí a necessidade de estudos qualitativos, quantitativos e interpretativos contemplando diferentes temáticas que dizem respeito aos idosos negros, o que poderia inicialmente ajudar a desconstruir simplificações abusivas e pormenorizações descabidas em relação ao segmento aqui retratado. Dentre essas simplificações abusivas, a de que o idoso negro não apresenta necessidades nem objetivas e nem subjetivas - respectivamente, relacionadas aos bens disponíveis e às aspirações sociais - posto estar historicamente acostumado a ser tratado como cidadão de segunda classe. Quanto às pormenorizações descabidas, a de atribuir às idosas negras o esdrúxulo título de “pretas velhas de estimação” ou a pecha de “mãe-joana”. Mas, se os estudos poderiam dar conta do negro-tema, seria imensamente interessante se os próprios idosos negros tornassem públicas as suas reflexões a respeito do negro-vida, isto é, das suas realidades, das suas necessidades objetivas e das suas aspirações sociais. Seria, pois, o caso de passarem da posição de objeto de estudos para a de sujeito dos mesmos estudos, o que serviria também para derrubar mitos em relação a eles.

Essa proposta de parceria - de um lado o academicismo e de outro a atuação dos próprios idosos negros na construção da sua historiografia - poderia inaugurar um novo tempo: tempo de mapear, catalogar, subdividir, explicar, enfim, radiografar a velhice



negra brasileira. É que a falta dessa radiografia não tem permitido saber, por exemplo, quantos desses idosos frequentam universidades abertas e também os centros de convivência para velhos. Também, se a vitalidade atualmente apresentada por uma pessoa de 70 anos - muito em razão dos avanços da medicina, da melhoria da infraestrutura das cidades, da presença da gerontologia - incide igualmente sobre os negros e as negras da mesma faixa etária. Ainda, qual é o mercado de trabalho ocupado por essa gente, e quais os papéis sociais por eles desempenhados. A ausência da referida radiografia também não tem permitido saber, por exemplo, pormenores do conjunto que forma o processo de envelhecimento do negro masculino e feminino - a maioria da população brasileira - a despeito das existentes preocupações do próprio negro para com a própria saúde. Por fim, a mencionada radiografia também poderia revelar a existência ou não de projetos do governo, das entidades sociais, da sociedade civil e dos próprios negros que visem proporcionar ao idoso negro do amanhã velhice digna e prazerosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a Antiguidade que o homem se impõe o desafio de conhecer e entender tanto o próprio processo de envelhecimento quanto as especificidades da própria velhice. Prova disso é que, no Oriente antigo, Lao-Tsé (604-531 a.C) e Confúcio (551-479 a.C) já ensinavam que o envelhecer era natural, devendo ser recebido como um prêmio e não como um castigo. Tanto o taoísmo quanto o confucionismo já apontavam caminhos para se chegar a uma velhice prazerosa, além de asseverar que uma das maiores virtudes do ser humano era o amor devotado àqueles que já haviam transposto a barreira dos sessenta anos de idade. Mas também em África, em todos os tempos, vozes se levantaram para revelar ao mundo o pensamento africano a respeito da velhice, sendo que, na contemporaneidade, uma dessas vozes é a do poeta Hampaté-Bah, que em certo momento sentenciou: “quando morre um africano idoso, é como se queimasse uma biblioteca”.

Porém, a despeito desses ensinamentos milenares legados à humanidade, no Brasil, ainda se pratica preconceito para com o idoso, e racismo e preconceito em dose dupla para com o idoso negro: por ser idoso e por ser negro. Tanto é assim que, a despeito da existência de amplos debates a respeito de diferentes questões referentes à



criança, ao jovem e ao adulto negro, pouco ou quase nada se fala a respeito das realidades vividas, das necessidades e dos anseios dos negros e das negras com idade igual ou superior a sessenta anos. Nem mesmo o recém promulgado Estatuto da Igualdade Racial demonstra preocupação específica para com o idoso negro, ignorando o fato de ser esse segmento duplamente discriminado.

Esse descaso coletivo para com o segmento em questão - masculino e feminino - leva a crer que, embora membros da imensa família nacional, os idosos negros nem sempre são respeitados. E essa falta de respeito especificamente para com a idosa negra acaba - ainda que de maneira inconsciente - leva-se a dispensar a ela o mesmo tratamento dispensado por Lobato à Tia Nastácia: nada além de uma preta velha de estimação.

E por falar em Monteiro Lobato, parece que as discussões a respeito do racismo dele para com os negros - dentre eles, os idosos - está longe de ter fim, mesmo depois de ter se tornado público o teor das cartas enviadas por ele ao escritor Godofredo Rangel e aos cientistas Renato Kehl e Arthur Neiva, nas quais elogiava a Ku-Klux Klan, além de se mostrar entusiasta da eugenia. Controvérsia à parte, a verdade é que o racismo tanto para com o idoso negro quanto para com o negro não idoso sempre existiu no Brasil. O mito da democracia racial é desmentido diariamente nos estereótipos presentes nos filmes, nas novelas, na publicidade e nos seriados, nos quais na maioria das vezes o negro é o capanga, o favelado e o marginal, enquanto a negra é a doméstica, a analfabeta e a mulher do bandido. Além disso, apesar da tentativa de alguns veículos de comunicação e de alguns setores da sociedade de ocultar e até justificar o racismo e o preconceito para com o negro, episódios de agressões, humilhações e desrespeito sofridos pelos negros constantemente vêm à tona. Quanto aos velhos, o preconceito é tão gritante, a ponto de o preço dos planos de saúde aumentar vertiginosamente de acordo com a idade do contratante. Financiamentos habitacionais e de crédito pessoal têm limites menores para os mais velhos, além do fato de pessoas com pouco mais de 40 anos encontrarem enormes dificuldades para obter emprego. E, embora represente uma grande conquista social, o Estatuto do Idoso ainda não conseguiu assegurar aos velhos o respeito e a dignidade que eles merecem.

Particularmente em relação ao idoso negro, merecem ser conhecidas e também solucionadas não só as suas demandas novas como também as recorrentes e as



reprimidas. Em outras palavras, é preciso que também os poderes públicos atentem para essas realidades.

Mas, considerando que a gerontologia é “a ciência que estuda os problemas do velho sob todos os seus aspectos: biológico, clínico, histórico, econômico e social” (FERREIRA, 1986, p. 848), parece razoável imaginar que ela pode contribuir com propostas pontuais que visem atender as demandas acima mencionadas. E talvez não existam dúvidas de que ela - a gerontologia - também pode incentivar os idosos negros a se lançarem numa ordem de coisas novas e animados de uma firme e sincera vontade de atingir determinado resultado. É que em boa lógica, a presença, logo, o testemunho dos próprios envolvidos tem peso extraordinário quando se pretende promover a igualdade racial e o respeito intergeracional. Tudo porque os fatos sobre os quais eles - os idosos negros - se apóiam são tão extraordinários a ponto de não permitirem dúvidas, isto é, a ponto de levarem os incrédulos do bom-senso revogar até mesmo a pretensão de taxar esses velhos de ineptos ou exagerados. É que aos olhos de uma pessoa judiciosa, o depoimento dos próprios idosos negros tende a ser recebido senão como uma prova provada de muitos fatos vividos, ao menos como uma presunção a favor deles. Não, não se pode crer existir por parte dessa gente negra interesse em propagar erros, equívocos, falsos testemunhos e nem tempo a perder com futilidades. Por isso mesmo, a intervenção dos próprios idosos negros na construção da própria historiografia, na ampliação dos seus papéis sociais, na formulação de propostas que os permitam gozar velhice digna e prazerosa é algo vital e indiscutível, como bem disse o ativista negro, Abdias Nascimento:

“os negros têm sido os únicos - solitários e incansáveis - artífices da sua própria luta de libertação. Ao mesmo tempo, têm sido as vítimas da história elaborada pelas elites deste país: elites fundiárias ou agrárias, do comércio e da indústria, elites do capital, elites da “cultura”, elites militares e religiosas. Elites várias e unidas no usufruto do lucro racista de destituição do afro-brasileiro dos seus direitos humanos codificados em sua história e sua cultura de origem, em sua identidade específica e na dignidade do seu orgulho étnico” (1997, p.43).

Mas a gerontologia poderá, ainda, contribuir para com o reconhecimento da cultura africana manifestada no conjunto de saberes incorporados ao longo do tempo pelos idosos negros, mas absurdamente ignorados e desrespeitados por muitos,



inclusive, pelo escritor Monteiro Lobato. Por certo que isso exigirá reflexões, revisões, desconstruções, supressões, aditamentos, acionamentos, sobretudo em razão do que disse Milton Santos a respeito da visão que no Brasil se tem do negro idoso ou não. Para Santos, “ser negro no Brasil é, pois, com frequência, ser objeto de um olhar enviesado” (2002, p.161)

Com esse conjunto de atitudes, ela - a gerontologia - poderá, por fim, tornar-se mais uma aliada no combate ao racismo, ao preconceito, à discriminação, à formulação e à manutenção de estereótipos em relação ao idoso negro, no que estará contribuindo para que seja reconhecido e respeitado o sacrossanto direito de se gozar velhice digna e prazerosa, independentemente de ser negro ou não.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1- BATISTA, Luis Eduardo. **Mortalidade da população negra adulta no Estado de São Paulo**. In: Seminário da Saúde da População Negra no Estado de São Paulo. São Paulo: Instituto de Saúde, 2005.
- 2- BRASIL, Assis. **Diálogos III - A República**. Tradução de Leonel Vallandro. Guia Universitário por Assis Brasil. Rio de Janeiro: Ediouro, 1986.
- 3- DUARTE, Francisco. **Finitude: uma proposta para reflexão e prática em gerontologia**. Rio de Janeiro: Nau, 1999.
- 4- FERNANDES, Flávio da Silva. **As pessoas idosas na legislação brasileira: direito e gerontologia**. São Paulo: LTR, 1997.
- 5- HUBERMAN, Léo. **História da riqueza do homem**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- 6- LAJOLO, Marisa. **A figura do negro em Monteiro Lobato**. Lobato Revista Presença Pedagógica, São Paulo, set, out, 1998.
- 6- MENDONÇA, Joseli M. N. **Entre a mão e os anéis: a Lei dos Sexagenários e os caminhos da abolição no Brasil**. Campinas, Editora da Unicamp; Centro de Estudos da História Social da Cultura, 1999.
- 7- MOURA, Clóvis. **História do Negro Brasileiro**. São Paulo: Ática, 1992.



- 8- MUNANGA, Kabengele. **Negritude - Usos e Sentidos**. São Paulo: Ática, 1988.
- 9- _____ **As faces de um racismo silenciado**. In: SHCWARZ, Lilia Moritz e QUEIRÓZ, Renata Silva (orgs). Raça e Diversidade. EDUSP/Estação Ciência. São Paulo, 1996.
- 10- NASCIMENTO. Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- 11- NERI, A. L. & FREIRE, S. A. **E por falar em boa velhice**. Campinas: Papirus, 2000.
- 12- NERI, Anita Liberalesco. **Qualidade de vida e idade madura**. Campinas: Papirus, 1993.
- 13- RODRIGUES, João Carlos. **O negro brasileiro e o cinema**. Rio de Janeiro: Globo, Fundação do Cinema Brasileiro-MINC, 1988.
- 14- SANTOS, Milton. **O país distorcido: O Brasil, a globalização e a cidadania**. São Paulo, Publifolha, 2002.
- 15- SEGUIN, Elida. **O idoso aqui e agora**. Rio de Janeiro: Lúmen Júris, 2001.
- 16- AULETE, Caldas. **Aulete Digital - Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**.
- 17- REVISTA BRAVO 165. Editora Abril. Maio de 2011.
- 18- Site www.dicionariodenomesproprios.com.br
- 19- Site www.meusparentes.com.pt